

Zélia Amador e bell hooks: tecendo uma arte-literatura negra na educação*Zélia Amador y bell hooks: tejendo una literatura-arte negra e la educación**Zélia Amador and bell hooks: weaving a black art-literature in education***Karolina Ramos da Silva****Gilcilene Dias da Costa**

Resumo: O estudo percorre a arte-literatura negra de autoria feminina de Zélia Amador e bell hooks, potencializando as suas teias literárias para uma educação antirracista no contexto da escola básica amazônica, com base nos cruzamentos teóricos da Filosofia da Diferença, Estudos Literários e do Feminismo Negro. A metodologia segue a Cartografia rizomática (Deleuze e Guattari). O objetivo foi cartografar como a arte-literatura negra das homenageadas potencializa a luta antirracismo no espaço escolar. A pesquisa-intervenção intercrucizou elementos teóricos e biográficos das autoras com a realização de oficinas artístico-literárias com estudantes do 1º e 2º anos da E.E.E.M. Abraão Simão Jatene, em Cametá-PA. Os resultados e discussões apontam para a importância da educação antirracista para o enfrentamento ao racismo; as oficinas reverberaram vivências, sentimentos e desafios cotidianos.

Palavras-Chave: Arte-literatura. Feminismo Negro. Educação Antirracista. Lei 10.639/2003. Zélia Amador e bell hooks.

Resumen: El Estudio explora la literatura-arte negra de autoras como Zélia Amador y bell hooks, aprovechando sus redes literarias para una educación antirracista en el contexto de la escuela básica amazónica, a partir de las intersecciones teóricas de la Filosofía de la Diferencia, los Estudios Literarios y el Feminismo Negro. La metodología sigue la Cartografía Rizomática (Deleuze y Guattari). El objetivo fue mapear cómo el arte-literatura negro de los homenajeados potencia la lucha contra el racismo en el espacio escolar. La investigación-intervención intersectó elementos teóricos y biográficos de los autores con la implementación de talleres artístico-literarios con estudiantes de 1º y 2º año de la E.E.E.M. Abraham Simón Jatene, en Cametá-PA. Los resultados y los debates señalan la importancia de la educación antirracista para combatir el racismo; Los talleres resonaron experiencias, sentimientos y desafíos cotidianos.

Palabras Clave: Arte-literatura. Feminismo Negro. Educación Antirracista. Ley 10.639/2003. Zelia Amador y bell hooks.

Abstract: This study explores the black art-literature of female authors by Zélia Amador and bell hooks, leveraging their literary webs for anti-racist education in the context of Amazonian elementary schools, based on theoretical intersections of the Philosophy of Difference, Literary Studies, and Black Feminism. The methodology follows rhizomatic cartography (Deleuze and Guattari). The objective was to map how the black art-literature of the honorees enhances the fight against racism in the school environment. The intervention research intersected theoretical and biographical elements of the authors with the realization of artistic-literary workshops with 1st and 2nd year students of E.E.E.M. Abraão Simão Jatene, in Cametá-PA. The results and discussions point to the importance of anti-racist education to confront racism; the workshops reverberated experiences, feelings, and daily challenges.

Keywords: Art-literature. Black feminism. Anti-racist education. Law 10.639/2003. Zélia Amador and bell hooks.

Karolina Ramos da Silva – Graduada em Licenciatura Plena Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará-Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Pós-Graduada em Ensino de Humanidades e Linguagens (lato sensu) pelo Instituto Federal do Mato Grosso do Sul. Pós-Graduada em Atendimento Educacional Especializado(AEE)-(lato sensu) pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido(UFERSA). E-mail: karolramos307@gmail.com

Gilcilene Dias da Costa – Doutora e Mestra em Educação pela UFRGS. Professora Associada da UFPA/Cametá, docente do PPGEDUC e do PGEDA. Líder do grupo ANARKHOS (CNPq) e membro da ANPED. ORCID: [0000-0002-7156-5610](https://orcid.org/0000-0002-7156-5610). E-mail: gilcileneufpa@gmail.com

INTRODUÇÃO

1. Teia Inicial

“Sempre fui negra, em todos os espaços. Meu corpo fala, meu corpo faz discursos. Minha roupa discursa. Esse corpo, mesmo que eu não queira, está elaborando discurso”.

(AMADOR DE DEUS, 2022, apud NINJA, 2022)

Este trabalho se enviesa por uma teia de sentidos que exalta a negritude literária, que se reinventa e se conecta com a ancestralidade do povo negro. É como se percebe, como se resiste, como se intervém, é o modo amplo, tecido pela complexidade que um corpo negro carrega. Estes mesmos corpos se articulam, falam no plural e lutam por um plural.

Nas teias deixadas pela deusa “Ananse” (do mito africano de Ananse) sobem e se multiplicam; duas de suas herdeiras cruzam o tempo, mudam histórias e tecem outras tantas. O baú se abre e celebra a literatura construída por mulheres em uma arte única que carrega marcas do racismo e da luta, intrínseco às herdeiras de Ananse: Zélia Amador e bell hooks¹, elas nos convidam a trilhar os caminhos de uma educação e negritude afrodescendente de força e resistência na escola básica, também traduzida como educação e luta antirracista. Zélia e bell integraram a construção do meu percurso de pesquisa na iniciação científica (PIBIC/UFGA).

As produções de bell hooks estiveram presentes nos dois planos de trabalhos e durante a minha participação nas oficinas com os/as estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene (Camestá-PA). As oficinas artístico-literárias foram denominadas - *Zélia e Eneida - Teias Amazônicas*, e correram no período de outubro a dezembro do ano de 2023; e de abril a junho de 2024, com as turmas do 1º e 2º anos, ambas pertencentes à referida escola no município de Camestá-PA, onde podemos trabalhar em parceria neste projeto, para a realização das oficinas.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa-intervenção cartográfica que imergiu pela arte-literatura de expressão feminina-negra de existência e resistência na luta antirracismo de Zélia Amador e bell hooks, cruzando os seus atravessamentos aos de jovens negras e negros da escola básica. O objetivo foi acompanhar como a arte-literatura negra das autoras homenageadas poderia potencializar a luta antirracismo, a autoafirmação negra e sua visibilidade no espaço escolar ao encontro de uma educação antirracista comprometida com a história e ancestralidade do povo negro. Assim, este artigo constitui um recorte do trabalho de conclusão de curso intitulado “Zélia Amador e bell hooks: tecendo uma arte-literatura negra na educação”, defendida em 2025, cuja produção de dados ocorreu durante as atividades da pesquisa-intervenção cartográfica nos anos de 2023 a 2024, conforme já sinalizado. A escolha por esse recorte responde à necessidade de apresentar uma versão mais sintética do estudo original. Além disso, optou-se por atualizar a discussão com a incorporação de produções recentes de pesquisadoras do Baixo Tocantins.

A pesquisa, portanto, não se limitou a um aporte teórico, mas articulou procedimentos práticos de ação interventiva que aconteceu por meio das oficinas artístico-literárias, entrelaçadas pela cartografia rizomática de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1996), em diálogo com autoras da literatura e da educação, em aliança com o feminismo negro, como Angela Davis, Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, entre outros estudos. Nesse percurso, Zélia Amador e bell hooks emergem como

¹ A escolha do pseudônimo e da grafia em minúscula é um posicionamento político da autora para dar enfoque ao conteúdo das suas obras e não à sua pessoa.

vozes potentes e centrais nessa pesquisa, cujas trajetórias ressoam com debates contemporâneos sobre resistência e educação. Essa interlocução também se articula com contribuições recentes de pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPa), especialmente no contexto do Baixo Tocantins, que vem ampliando os debates e a compreensão sobre educação antirracista.

Entre essas produções, destacam-se as pesquisas de Eunice da Silva (2025) e Driellen Coutinho (2025) que, a partir de diferentes perspectivas, investigam os atravessamentos do racismo e as práticas de resistência da mulher negra, seja em territórios periféricos seja em comunidade quilombola. Silva, em sua dissertação *Interseccionalidade e Resistência Afro-Feminina na Obra “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus* (2025), analisa como a escrita de Carolina se torna espaço de denúncia e afirmação da negritude, desvelando a exclusão histórica da mulher negra e revelando a potência de sua resistência. Coutinho, em *As Artes de Viver, Narrar e Dançar de Mulheres Negras da Comunidade Quilombola de Nova América-Oeiras do Pará: uma perspectiva Interseccional em Educação Antirracista* (2025), mostra, por um viés cartográfico, como narrativas, memória, corpo e performance constituem linguagens de resistência, que reinventam modos de existir e educar em comunidades quilombolas.

Essas duas pesquisas, ao iluminarem dimensões distintas, a denúncia literária e a resistência cultural e performática, convergem com o percurso de Zélia e hooks, fortalecendo a compreensão de como a literatura e as práticas culturais negras produzem sentidos de resistência e abrem caminhos para uma educação antirracista. Com relação aos relatos de participantes das oficinas de cartografia literária na escola básica, utilizamos nomes de flores para nomeá-los em algumas passagens deste trabalho, resguardando a sua identificação. Por fim, ao pensarmos a educação como território de possibilidades, percebemos que algumas linhas de fuga se entrelaçam na história e fortalecem práticas de resistência, especialmente no que se refere aos feminismos e à lei 10.639/2003, que convoca a revisitar narrativas e ressignificar o currículo escolar.

2. Linhas de Fuga: feminismos e lei 10.639/2003

Entre as linhas de fuga que se entrelaçam na história e atravessam gerações, o feminismo se destaca como movimento contínuo de resistência, que desafia as estruturas patriarcais e propõe novas formas de pensar e viver a igualdade racial. Mais do que uma resposta às violências impostas, constitui-se como prática política que busca a igualdade de direitos humanos, e um mergulho na literatura, na arte e na educação; desse modo, a relação entre feminismos e legislações pode ser considerada um importante movimento político, articulado sob uma linha de fuga que cria e recria outras linhas de enfrentamento ao racismo. O feminismo se tornou um coletivo de vozes que não se calaram e têm modificado a estrutura tradicional, patriarcal, social e política. Rago (2013) é incisiva ao falar sobre o feminismo, destacando que:

Com suas práticas concretas e com seus modos de pensar feministas, produziram importantes rupturas e sucessivos deslocamentos no imaginário social, especialmente no que tange às questões da moral, da sexualidade e dos modelos de feminilidade e corporeidade que lhes deveriam ter servido de referência... Contribuíram e contribuem decisivamente para a construção de um pensamento crítico. (RAGO, 2013, p. 28)

Esse apontamento apresentado por Rago abre reflexão sobre o feminismo negro que, ao dialogar com outros feminismos, critica e acrescenta outros elementos, como as marcas do racismo estrutural e as especificidades das experiências das mulheres negras. Se o feminismo já tensiona os modelos hegemônicos de gênero, o feminismo negro amplia essa crítica, denunciando como as opressões de raça, classe e gênero se entrecruzam e exigem novas formas de resistência e de produção de conhecimento.

Silva (2025) evidencia como, ao longo da história, as mulheres foram sistematicamente excluídas dos espaços políticos, educacionais e literários, condição que resultou em sua marginalização, mas que também impulsionou processos de inserção crítica e ativa nos espaços públicos. Nesse campo de resistências e afirmação, emergem pensadoras e militantes, como Zélia Amador e bell hooks, que se consolidam como símbolos contemporâneos, cujas produções se nutrem no feminismo negro e na educação, em reivindicação por espaços de visibilidade e transformação social. São potências intelectuais que instigam a reflexão e rompem com o silêncio costurados sob a dor e a opressão. As intelectuais ajudam a compreender como o feminismo negro se entrelaça às práticas educativas, à literatura, ampliando o alcance da Lei 10.639/2003 e tecendo caminhos de ruptura com a ordem patriarcal e racista. Além disso, mostram que a luta por igualdade não se separa da luta contra o racismo.

Nesse sentido, o lugar de fala que as mulheres negras exercem escancaram sob nenhuma dúvida a existência e resistência negra como parte intrínseca da sua condição de ser atuante que se movimenta, traça conexões e se nega a retroceder a tempos tão sombrios como os vividos durante a escravidão. Ainda, segundo Silva (2025), “seguindo uma perspectiva cronológica que transita pela experiência colonial à contemporaneidade, o legado escravocrata continua a influenciar, profundamente, os mecanismos de exclusão que afetam as mulheres negras na estrutura social atual” (SILVA, 2025, p. 114). É justamente diante dessa permanência que emergem estratégias de resistência e de reconfiguração identitária, nas quais o feminismo negro e as práticas coletivas se colocam como contrapontos ao sistema excludente. Esse movimento de resistência e afirmação identitária encontra ressonância nas políticas educacionais, especialmente naquelas que buscam reparar silenciamentos históricos.

É nesse contexto que a educação antirracista é incentivada pela Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar das escolas públicas e privadas (BRASIL, 2003). Essa legislação pode funcionar como uma linha de fuga, convocando a escola a romper silenciamentos e a reconstruir currículos sob a ótica da história e da cultura afrobrasileira e africana. Além disso, por seus referenciais identitários, abre margens para a necessidade de contar outras histórias, ressignificando os espaços e os sujeitos da educação. Nesse sentido, a efetividade da lei não se dá apenas no plano normativo, mas na prática cotidiana das escolas, exigindo compromisso ético e político de toda a comunidade educativa.

Deste modo, tanto a escola quanto o(a) professor(a) precisam trabalhar de forma colaborativa para o cumprimento da lei, não simplesmente como ato de obrigatoriedade. Há uma vasta gama de produções consistentes sobre a temática racial que pode ser incorporada como fonte de estudo individual e coletivo dos(as) educadores(as), bem como em sala de aula. Afinal, não basta que o currículo mude se as mentalidades permanecem intocadas, e é nesse ponto que emergem as tensões mais sutis do racismo. O racismo possui várias nuances e camuflagens, nem sempre é explícito, mas isso não significa que não esteja sendo praticado, ou que ele não exista, por isso, torna-se inevitável

desmascarar o fantasioso mito da democracia racial, que durante décadas tentou ocultar desigualdades, silenciamentos e apagamentos de vozes e da memória negra. É justamente contra essa falsa ideia de igualdade já conquistada que se ergue a luta por igualdade racial e acesso à educação, e isso é uma luta árdua, há um trabalho exaustivo de todo um coletivo, tanto da sociedade como dos movimentos negros. Nessa tessitura, a filósofa Djamila Ribeiro afirma que:

[...] uma dessas grandes batalhas resultou na Lei 10.639, que alterou as diretrizes básicas da educação para inclusão do “estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil”. (RIBEIRO, 2020)

A afirmação da estudiosa reforça a conquista da lei, pois não se trata apenas de um marco legal, mas de um movimento político e pedagógico tecido por muitas mãos. É nesse emaranhado de lutas que se escreve também a presente pesquisa, que busca mapear as nuances educativas desse processo. Para isso, a cartografia rizomática se apresenta como método fecundo para traçar as linhas por onde se entrelaçam e se multiplicam a construção de uma educação antirracista.

3. Cartografia Rizomática e Literária Como Método de Intervenção e Análise

Partindo de linhas de fuga que se cruzam, a literatura e a educação se conectam. Assim, a perspectiva cartográfica fomenta rachaduras nas polarizações e hierarquias nos espaços. Deste modo, este trabalho baseou-se no feminismo, feminismo negro, educação antirracista, e na cartografia rizomática de Deleuze e Guattari (1996) e cartografia literária de Gilcilene Costa (2022).

Inspirada na concepção de rizoma, conforme Deleuze e Guattari (1996), a cartografia rizomática não segue um ponto de partida ou de chegada, mas se expande em múltiplas direções, criando conexões entre saberes, corpos e experiências. Assim, as vivências se entrelaçam como raízes subterrâneas que se encontram, desafiando a linearidade e revelando outras formas de existir e aprender, especialmente no espaço complexo que é a escola. Nessa ótica, o mapear da cartografia não se guia apenas por linhas de fuga que se constroem com a ação em que docentes e discentes se interligam, mas também em um rizoma de linhas de afetos, de atravessamentos, que nos movem como sujeitos em constante devir. “Trata-se de traçados que não buscam fixar o conhecimento sobre um objeto delimitado, mas sim instaurar procedimentos de conexão, passagem e criação de sentidos, atravessados por *afectos e perceptos*” (COSTA, 2022).

É nessa direção que a cartografia rizomática-literária se mostra potente, porque, ao invés de organizar a experiência em etapas lineares, ela permite acompanhar movimentos, dispersões e encontros, registrando como as práticas literárias de Zélia Amador e de bell hooks emergem e se transformam no espaço escolar. Para Thiago Oliveira e Marcy Paraíso (2012, p. 168), “a cartografia é, ao mesmo tempo, ciência e arte, registro e enunciado, referência e composição, descrição e criação, aqui e lá, atual e virtual, documento e expressão, função e sensação”. Deste modo, o exercício cartográfico não se limita apenas a mapear, mas também a produzir um território de resistência, de criação e memória em meio ao espaço estudantil.

Assim, embebidas pelo método de pesquisa Cartográfica, colocamos em experimentação a arte-literária de Zélia Amador e de bell hooks a partir da intervenção de oficinas artísticas-literárias

na escola básica. Adentramos a escola básica com o objetivo de acompanhar como a arte-literatura das autoras homenageadas poderia potencializar a luta antirracismo, a autoafirmação negra e sua visibilidade no espaço escolar ao encontro de uma educação antirracista comprometida com a história e ancestralidade do povo negro.

Na prática, a cartografia rizomática-literária foi pensada como uma forma de acompanhar os movimentos de estudantes do ensino médio durante as oficinas artísticas-literárias, em vez de impor uma ordem ou uma sequência linear aos dados. Isso significou interagir com o espaço, escutar os relatos, observar e analisar os desenhos, as produções escritas, as performances e trocas orais dos(as) alunos(as) como linhas que se conectam e se desdobram, revelando múltiplos sentidos. Cada dia de oficina foi pensada como parte de uma rede maior, e não como um episódio isolado, o que permitiu visualizar tanto os atravessamentos entre as falas dos estudantes, quanto os fluxos de resistência e criação que emergiam das dinâmicas e interações.

Essa forma de olhar possibilitou captar as riquezas das experiências. Mapeamos as narrativas dos participantes em diálogo com as obras de Zélia Amador e de bell hooks, construindo um território que conectava as vivências dos alunos com as reflexões das autoras, ativando memórias por meio da literatura. Pesquisadoras, pesquisados e espaço escolar se entrecruzaram e se conectaram em um rizoma múltiplo que não busca algo pronto e acabado, mas que se constrói por meio de novas perspectivas do viver-educar com o ambiente, com os estudantes. Esse movimento de conexões e afetos do viver-educar, pode ser percebido na fotografia a seguir, registrada na sala de leitura Clarice Lispector na E.E.M. Abraão Simão Jatene, Cametá-PA. O momento expressa o compartilhamento de reflexões e o fortalecimento dos vínculos entre estudantes, enquanto desenvolviam as atividades da oficina.

Imagem 1: Estudantes realizando atividades na oficina Artística-Literária.



Fonte: Arquivos das oficinas Zélia e Eneida -Teias Amazônicas, 2024.

A fotografia torna visível um nó, um ponto de linha da teia que estávamos a tecer. Na cartografia rizomática, cada nó funciona como um ponto de linhas de sentido, de vozes, de corpos, de lembranças, que se encontram e se desdobram, e que se reconfiguram no espaço escolar. Antes de apresentar os resultados deste mapa, convém assinalar que esses encontros impuseram desafios específicos. Ao abordarmos racismo e feminismos, confrontamos feridas vividas, silêncios, preocupações e resistências; foi necessário calibrar atividades, garantir a escuta atenta e acolher os

participantes que, infelizmente, já foram atravessados por práticas racistas. As vivências registradas nas oficinas tornaram-se matéria viva para o mapeamento rizomático, acompanhando essas experiências como linhas de sentido que se entrecruzam na luta antirracismo.

4. Práticas Literárias e Educação Antirracista: resultados da pesquisa

As oficinas literárias intituladas “Teias Amazônicas” foram realizadas nos anos de 2023 e 2024 na Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene, situada no município de Cametá (PA), com as turmas do 1º e 2º anos. Inseridas no escopo das atividades de pesquisa e de iniciação científica (PIBIC), tiveram o objetivo de promover encontros formativos com estudantes do ensino médio e aproximá-los das autoras Zélia Amador de Deus e bell hooks. A proposta buscou vivenciar outros modos de ler e interagir com suas literaturas e existências, colocando em pauta a visibilidade negra, as lutas e conquistas, e o combate ao racismo na escola, contribuindo, assim, para a construção dos caminhos de uma educação antirracista comprometida com a história e ancestralidade do povo negro.

As oficinas literárias, ao mobilizar corpo, voz e memória, se aproximam do que Coutinho (2025) identificou em sua pesquisa com mulheres negras da comunidade quilombola de Oeiras do Pará: que a resistência se expressa não apenas nas palavras, mas também pela força estética das comunidades negras. Nesse sentido, os estudantes, ao criarem suas próprias expressões artísticas, conectam-se a um legado ancestral de reinvenção e luta que atravessa gerações, fazendo emergir, nas práticas e nas trocas cotidianas, novas formas de existir e resistir na escola. Essa dinâmica pode ser observada na imagem a seguir, que compõe o mapa das oficinas, um instante em que as vozes e presença dos estudantes se entrecruzam no decorrer das atividades.

Imagem 2: Realização de atividade proposta na oficina.



Fonte: Arquivos das oficinas Zélia e Eneida -Teias Amazônicas, 2024.

Mais do que atividades pontuais, as oficinas se constituíram em um espaço de escuta e diálogo, em que os estudantes puderam conhecer-se como protagonistas e, ao mesmo tempo, como leitores críticos de vozes negras muitas vezes silenciadas nos currículos escolares. Essa experiência reforçou a importância da Lei 10.639/2003, mostrando que a literatura negra no espaço escolar não deve ser vista como exceção, mas como parte de um projeto pedagógico permanente de valoriza-

ção da diversidade e do enfrentamento das desigualdades. Nesse contexto, torna-se fundamental destacar, nos próximos tópicos, a trajetória de mulheres intelectuais negras que, por meio da arte, da literatura e do ativismo abriram caminhos para a educação antirracista. Entre elas, Zélia Amador e bell hooks, cuja vida e obra dialogam diretamente com os princípios que orientam a pesquisa cartográfica realizada na escola básica.

4.1. Zélia Amador

Zélia Amador de Deus é professora emérita da Universidade Federal do Pará, Coordenadora da Assessoria de Diversidade e Inclusão Social, diretora de teatro e ativista do Movimento Negro. Foi uma das fundadoras do Centro de Estudo e Defesa do Negro no Pará (CEDENPA) e do Grupo de Estudos Afro-Amazônicos (GEAM-UFPA). Sua produção se destaca pela valorização das expressões culturais afro-brasileiras e pela atuação na implementação de políticas afirmativas no ensino superior.

A trajetória de Zélia Amador, marcada pela articulação entre arte, militância e educação, inspirou os participantes das oficinas a refletirem sobre a importância da arte e performance como prática educativa antirracista, observando o corpo negro como instrumento político de resistência. Sua atuação, que mistura produção artística e engajamento político, evidencia-se nas discussões e reflexões em torno da valorização da identidade e ancestralidade em paralelo com os atravessamentos dos próprios estudantes. Esses elementos emergiram nos resultados como estratégias de resistência e de afirmação de uma educação antirracista necessária no ambiente escolar. Essa trajetória de resistência marcada pela articulação entre arte, militância e educação, como mencionado, também se fez presente nas oficinas realizadas com os estudantes. Inspirados pela produção e engajamento de Zélia Amador, propusemos atividades que aproximassem sua obra dos atravessamentos e vivências dos alunos e do ambiente escolar, permitindo reflexões sobre identidade, ancestralidade e racismo.

Inicialmente, trabalhamos com uma breve explanação de sua biografia, tomando como referência a trajetória da própria autora. Para ampliar a experiência, os estudantes foram convidados a assistir o curta-metragem *Amador, Zélia* (2021) e, ao final, compartilharam suas impressões e sentimentos. Entre os relatos, um depoimento chamou atenção pela força de sua denúncia. A estudante, aqui identificada como flor de Gardênia, afirmou:

*Disseram pra minha mãe com a minha irmã: ‘eu não sei o que vocês estão fazendo aqui nessa escola, esse lugar não é pra vocês’, foi horrível, e isso pode acontecer comigo também*². (Relato verbal, 2024)

Esse testemunho ecoou profundamente na turma e revelou como a experiência escolar ainda reproduz o racismo de forma perversa. “Flor de Gardênia” nos faz refletir o quanto a lógica racista que insiste em negar às pessoas negras o direito à educação, e, para além disso, ainda insiste em negar o direito de pertencer aos espaços. Essa experiência dolorosa, porém, compartilhada e reconhecida pelos colegas, ecoa o que Coutinho (2025) observa na sua dissertação de mestrado, ao se debruçar sobre a presença das mulheres negras, quilombolas em contextos de exclusão e vulnerabilidade social; a autora destaca que essas trajetórias são atravessadas por múltiplas dimensões interseccionais, que marcam suas trajetórias de vida, muitas vezes entre inclusão e exclusão.

² Flor de Gardênia, nome fictício atribuído para preservar a identidade do(a) estudante, fala obtida durante oficina artístico-literária, em agosto de 2024.

Essa leitura amplia a nossa compreensão sobre os desafios enfrentados no espaço escolar e se aproxima dos relatos juvenis durante as oficinas, além disso, permite-nos compreender que violências simbólicas vividas por estudantes como “Flor de Gardênia” não é isolada, mas se insere em um quadro histórico e estrutural, onde a escola, mesmo sendo espaço de possibilidades, continua a reproduzir desigualdades. Ao aproximarmos a fala da estudante à análise de Coutinho (2025), percebemos que ambas apontam para a urgência de uma educação antirracista que reconheça e valorize as experiências das mulheres negras da Amazônia e das comunidades quilombolas, ressignificando o seu lugar na escola como território de pertencimento e resistência.

Nesse movimento, a obra e a trajetória de Zélia Amador de Deus mostraram-se não apenas como inspiração, mas como ponto de partida para que os estudantes percebessem que suas vivências também fazem parte de narrativas maiores, de luta e resistência.

Assim, ao entrelaçar memória, denúncia e reflexão crítica, a experiência com a obra de Zélia Amador abriu caminhos para novas leituras e expressões artísticas. Dessas rodas de conversas, em que vozes juvenis se entrelaçam às dores e resistências, nasceu um fio que conduz a outras narrativas, um fio que não se rompe, como a teia de Ananse, a qual Zélia Amador aborda em seu livro autoral *As herdeiras e herdeiros de Ananse* (2019), em que cada relato se prende ao outro, formando caminhos que não se desfazem. A escola, nesse movimento, tornou-se o tear onde se constroem experiências, identidades e lutas, abrindo espaço para que o silêncio se transformasse em voz. Foi nesse contexto que os estudantes se aproximaram do mito africano de Ananse.

4.2. A Deusa Ananse

O emaranhado das teias de Ananse nos conduz ao mito da aranha ancestral, divindade originária dos povos Fanti-Ashant, na África Ocidental (AMADOR DE DEUS, 2019). Conta-se que, já em idade avançada, Ananse teceu uma longa teia para chegar ao céu, a fim de alcançar Kwane (rei dos celestes), e conquistar o baú histórias, para que todos tivessem histórias a contar. Essa história mítica entrelaça-se a trajetória de Amador de Deus e bell hooks, e tantas outras(os) herdeiras(os) de Ananse que, pela força da diáspora africana, fazem da palavra, do corpo e da arte, territórios de resistência. Como lembra Amador de Deus:

[...] as herdeiras e os herdeiros de Ananse não esmoreceram. Lutaram com aquilo que ainda lhes restava de forças, estraçalhados que foram pelos trabalhos forçados. Tampouco os indígenas ficaram inertes. Também resistiram e resistem. Lutaram e lutam, sem parar, a seu modo. E não faltou branco que não reconhecesse essas lutas. (AMADOR DE DEUS, 2019. p. 30)

Desse modo, os herdeiros e herdeiras de Ananse sempre resistiram de acordo com suas possibilidades, guiados pela força da divindade que tece e retece. Mesmo assim, ainda que sustentados por suas teias, espalhadas em múltiplas dimensões, continuam a lutar, resistir, reinventar-se, criar rizomas e buscar combater o racismo estrutural, do social ao cultural, do educacional ao político. Isso nunca foi e não será uma tarefa simples. Por isso, segundo Angela Davis, a liberdade segue como horizonte vital: “[...] teremos de ter disposição para nos erguer e dizer “não” unindo nossas almas, articulando nossas mentes coletivas e nossos corpos, que são muitos” (DAVIS, 2018, p. 131).

As teias de Ananse se multiplicam, seus herdeiros continuam a tecer caminhos, mesmo quando o racismo se disfarça em novos fios de silêncio e exclusão. Nos textos e desenhos, essa teia ga-

na movimentação, demonstrando a singularidade do narrar e resistir. A seguir, alguns desses registros que compõem múltiplas formas de expressão que emergiram durante as oficinas.

Imagem 3: Texto e desenhos produzidos por estudantes durante as oficinas artísticas-literárias



Fonte: Arquivos das oficinas Zélia e Eneida-Teias Amazônicas, 2024.

Nesse mapa simbólico entre Ananse e a diáspora africana, entrelaçam-se Zélia Amador e bell hooks, filhas da aranha mítica, guardiãs da memória e da palavra. As oficinas literárias revelaram um olhar aguçado dos estudantes, movido pela curiosidade e pela imaginação, capazes de reconhecer nas histórias a potência de manter viva a memória e história do povo negro. Uma história contada não se apaga, ao contrário, abre margens ao diálogo, desperta o imaginário e torna-se estratégia para discussões necessárias. Assim, a aranha continua a ocupar a sua função ancestral, intercessora, entre o divino e os humanos, acompanhando o caminhar da negritude pelo mundo (AMADOR DE DEUS, 2019, p. 26). Nesse entrelaçar de fios, outras vozes emergem, herdando e ampliando a força ancestral. Entre elas, a de bell hooks, cuja *escrevivência*³ feminista antirracista também se tece como caminho formativo e libertador.

4.3. Gloria Jean Watkins “bell hooks”

Gloria Jean Watkins, ou bell hooks, foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense. bell foi batizada em 1952 com o nome de Glória Jean Watkins em um período marcado pela segregação racial e com o patriarcado dominante, mas decidiu adotar o nome bell hooks em memória de suas matriarcas, escrito em minúsculo, para somar-se às vozes de múltiplas mulheres apagadas no decurso de nossa história. “Vinda de uma família numerosa e de condições humildes, ela construiu seu próprio caminho em meio a um contexto em que o racismo e o sexismo insistiam em silenciar, distorcer e apagar vozes e corpos de mulheres negras” (OLIVEIRA, BEZERRA e NOGUEIRA, 2023). Sua escrita acessível e militante aproximou reflexões acadêmicas da vida cotidiana, defendendo uma educação crítica e libertadora.

As reflexões propostas por bell hooks sobre feminismo negro e educação antirracista foram apresentadas aos participantes por meio de atividades realizadas nas oficinas. Deste modo, inspiradas por uma pedagogia que buscasse o diálogo com as vozes dos estudantes, buscamos criar momentos de debate em que pudessem problematizar as relações de poder que atravessam a escola e a sociedade. A centralidade da educação crítica e libertadora emergiu especialmente nos momentos em que se discutiu o feminismo, o feminismo negro e as relações de poder, incluindo o enfrentamento ao racismo. Assim, com esse espírito, aproximamo-nos de sua obra “*O feminismo é*

³ Conceito literário e teórico, cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo, que articula a **escrita** com a **vivência** das mulheres e da comunidade negra, para expressar uma narrativa coletiva e ancestral, e não apenas individual.

para todo mundo: políticas arrebatadoras” (hooks, 2018), para discutirmos feminismo e racismo, ambos no campo da resistência e transformação que permeia a educação antirracista no ambiente escolar.

4.4. O Feminismo é para Todo Mundo: provocações

Na segunda fase das oficinas artísticas-literárias, trabalhamos com obras de bell hooks, cuja produção dialoga diretamente com a luta antirracista, o feminismo e, em especial, o feminismo negro. Inicialmente, foi apresentada aos estudantes uma breve biografia da autora em formato de *slides*, acompanhada da exposição de algumas de suas obras, de modo a ampliar o conhecimento da turma sobre sua trajetória, próximo do que fizemos com Zélia Amador. Em seguida, realizamos uma leitura compartilhada de uma versão adaptada e impressa de sua biografia.

Por meio desse mergulho biográfico, os estudantes foram incentivados a refletir sobre o feminismo e a segregação racial nos Estados Unidos. Nessa etapa, foram conceituados e discutidos os termos: patriarcado, feminismo, feminismo negro, sexismo, supremacia branca. Com base em passagens selecionadas do livro de bell hooks (2018) *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, os estudantes foram convidados a se posicionar criticamente diante das questões proposta. A leitura dessa obra, que exige atenção e engajamento, mostrou-se propícia para familiarizá-los com conceitos que já vinham sendo trabalhados no decorrer das oficinas e que atravessam o cotidiano, como sexismo, patriarcado, machismo e outras formas de opressão que, em contextos extremos, podem resultar em violência contra as mulheres.

No livro, hooks (2018) aborda o feminismo desde os seus passos iniciais, destacando a necessidade de reconfigurá-lo diante do cenário contemporâneo, ao afirmar que “feministas são formadas, não nascem feministas” (hooks, 2018). Partindo deste princípio, as oficinas promoveram reflexões não apenas sobre uma educação antirracista por meio da literatura negra de Zélia e bell hooks, mas também sobre uma educação feminista concebida por intelectuais negras, capaz de movimentar os espaços formativos. Essa abordagem articulou tanto as produções literárias e artísticas das autoras quanto suas contribuições teóricas, evidenciando mulheres de resistência e mulheres intelectuais.

Nesse contexto, a escola se apresenta como espaço formativo e potencialmente formador de sujeitas(os) feministas. Durante as leituras e discussões, uma fala chamou atenção: a aluna “Flor de Lório”, ao ser convidada para ler uma passagem, declarou:

*eu não vou ler, eu não gosto de feminismo.*⁴ (Relato verbal, 2024)

Essa reação evidenciou a necessidade de dialogarmos com as percepções e resistências presentes no cotidiano escolar. No mesmo livro, bell hooks ressalta que “uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino” (hooks, 2018. p. 23). Essa passagem funcionou como um verdadeiro ímã, articulando-a com a fala de “Flor de Lório”, destacando a importância de aprofundarmos as discussões sobre os feminismos com a nova geração. Observou-se, ainda, a necessidade de promoção de leituras e debates que evidenciem a relevância do feminismo e do feminismo negro, para a conquista de direitos das mulheres e para a formação crítica dos estudantes.

⁴ Flor de Lório, nome fictício atribuído para preservar a identidade do(a) estudante, fala obtida durante oficina artístico-literária, em agosto de 2024.

Diante disso, aprofundamos as discussões sobre o feminismo, considerando a perspectiva da aluna, podendo refletir a forma de pensar de outros estudantes. Retomamos o conceito de feminismo e sexismo apresentados por bell hooks, evidenciando que, ao longo dos tempos, se construiu uma imagem estereotipada sobre o feminismo, possivelmente influenciada por um número expressivo de líderes “radicais” nas primeiras etapas do movimento. Contudo, como ressalta bell hooks (2018), o feminismo deve ser lido, compreendido e vivenciado em suas múltiplas dimensões, reconhecendo o seu potencial transformador. Esse gesto de liberdade fez com que a aluna pudesse rever o seu posicionamento inicial e passou a participar livremente das demais atividades, compreendendo a perspectiva feminista de bell hooks.

4.5. O Cabelo como Território Político

O cabelo negro, historicamente marcado pelo racismo, constitui um dos mais fortes símbolos de opressão e, a mesmo tempo, de resistência. Como observa a escritora portuguesa Grada Kilomba (2020), em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, a cor da pele dos africanos passou a ser “tolerada”, mas o cabelo não. Ele foi associado à primitividade, desordem, inferioridade, recebendo a classificação de “cabelo ruim” (KILOMBA, 2020, p. 127). Nesse sentido, refletir sobre o cabelo afro é também compreender como os corpos negros foram estigmatizados, e, ao mesmo tempo, como reinventaram estratégias de afirmação e orgulho.

Esse debate foi trabalho na oficina artística-literária a partir da leitura do livro infanto-juvenil *Meu crespo é de Rainha*, da escritora bell hooks (2018). A obra de leitura curta e acessível, apresenta um poema ilustrado que, de forma lúdica e divertida, explora as diversas formas de usar o cabelo afro e suas texturas, ressaltando a beleza desse cabelo. A leveza da narrativa possibilitou que os estudantes dialogassem sobre a beleza negra, autoestima e padrões imposto pelo racismo. Foi nesse fluxo de sensibilidades que o poema “Meu crespo é de Rainha” (hooks, 2018) emergiu, reafirmando o poder do cabelo como coroa e raiz de pertencimento. A seguir, apresento um trecho do poema: “*Meu crespo é de rainha*”.

Imagem 4: Trecho do livro da escritora bell hooks.



Feliz com meu crespo!
O meu crespo é de rainha!
Feliz com meu cabelo firme e forte,
Com cacho que giram,
e o fio feito mola vira cambalhota
Menininha você é uma gracinha!
Nosso crespo é de rainha.

Fonte: Google

O poema reverberou entre os estudantes, despertando memórias, identificações, abrindo espaço para o diálogo sobre o que o cabelo negro representa em uma sociedade marcada pelo racismo. Entre o silêncio sensível das estudantes, muitas vezes atravessadas por lembranças dolorosas, prevaleceu o respeito, pois o objetivo nunca foi o de reviver dores, mas o de oferecer voz a quem por muito tempo foi silenciado. As alunas não negras, por sua vez, reconheceram o preconceito que muitas jovens negras enfrentam em relação à textura do cabelo, dentro e fora da sala de aula, por não se enquadrarem no “padrão do cabelo liso” dominante. Nesse momento, retomamos uma passagem do curta metragem *Amador*, Zélia (2021), anteriormente assistido pelos estudantes, em que a professora Zélia Amador comenta sobre o seu cabelo, afirmando que descobrir o black Power representou um processo de libertação.

Essas reflexões dialogam diretamente com as falas das estudantes que problematizaram o preconceito em torno da textura do cabelo e reconheceram nele um marcador estético e político de identidade negra, como destacou a aluna “Flor Rosa”, dizendo o seguinte:

*há beleza sim nas pessoas negras, nos cabelos e no modo de vestir. Eu achei muito lindo o jeito dela se vestir, uma roupa vibrante, o cabelo tá do jeito que ela queria, sem alisar; ela tem uma presença que se destaca, ela não queria alisar.*⁵ (Relato verbal, 2024)

A percepção da estudante evidencia que a “beleza assina as pessoas negras no cabelo e no modo de se vestir”, e mostra como a estética negra se torna, além de expressão de identidade, um ato político marcado pela recusa de padrões eurocêtricos. Desse modo, o cabelo se transforma em território político, espaço de disputa simbólica e material, onde se cruzam as marcas do racismo e dos caminhos da resistência. Diante disso, esses caminhos inquestionavelmente precisam ser trilhados, uma vez que “o racismo sempre se fortaleceu pelo silêncio e agora quanto mais a gente falar, mais a gente tem possibilidade de enfraquecê-lo, de trazê-lo à tona, de mostrar que a gente está numa sociedade racista [...]” (MONTEIRO, 2020, p. 280).

Essa reflexão não se encerra na materialidade do corpo, ela reverbera também nas formas de expressão coletiva e artística que emergem como prática de contestação. É nesse horizonte que se insere a experiência “Anarkhos”, espaço de invenção e resistência que tensiona a ordem estabelecida e afirma novas possibilidades de existência, em aliança com a escola básica.

4.6. Experiência Anarkhos

Nos caminhos de uma educação antirracista, após encerrado o ciclo de oficinas e encorajadas pela força ancestral da divindade “Ananse” e de intelectuais como bell hooks e Zélia Amador, convidamos as turmas do 1º e 2º anos da escola Estadual Abraão Simão Jatene-Cametá-(PA), em sua maioria, participantes das oficinas literárias para integrarem **VI Colóquio do Grupo de Pesquisa ANARKHOS**, realizado no mês de novembro de 2024, coordenado pela autora da pesquisa. Trata-se de um evento literário, artístico e cultural que ocorre anualmente no Campus Universitário do Tocantins-Cametá/UFGPA, com o propósito de dar visibilidade às vozes dos integrantes do grupo e convidados, num viés artístico e literário. Vozes estas que, não raro, são silenciadas pelo racismo, sexismo, homofobia, machismo etc. por meio de múltiplas linguagens.

⁵ Flor Rosa, nome fictício atribuído para preservar a identidade do(a) estudante, fala obtida durante oficina artístico-literária, em agosto de 2024.

No sentido simbólico de enaltecer e emponderar o feminismo negro, propusemos às(aos) alunas(os) apresentar uma performance adaptada do mito de Ananse. Logo, propusemos também uma reflexão provocadora: “por que não uma aranha mulher, como Zélia Amador ou bell hooks”? Não se trata de mostrar superioridade ou instaurar separações de gêneros, mas de abrir margens para outras perspectivas e refletir sobre o lugar das mulheres negras na produção do conhecimento, podendo ocupar qualquer lugar. Afinal, como lembra hooks (2018), os feminismos têm como fundamento central a eliminação de práticas sexistas e machistas, e não a reprodução de divisões.

Nessa tessitura, no dia 13 de novembro de 2024, os estudantes motivados por uma proposta de arte, literatura, educação antirracista e feminista, participaram do **VI Colóquio Anarkhos** realizado no auditório do Campus Universitário do Tocantins Cametá/UFPA. Como parte da programação, apresentamos uma performance conjunta inspirada no mito de Ananse, divindade africana associada à sabedoria e à ancestralidade. A força das performances escolares nos remete ao que Coutinho (2025) aponta como a força dos Quilombos, espaços onde a arte se torna linguagem de sobrevivência e invenção.

Quando os estudantes encenam, dançam ou narram suas dores e esperanças, reproduzem o gesto ancestral das comunidades negras que, como teias de Ananse, entrelaçam passado e presente em busca de futuros possíveis. É nesse movimento de memória, corpo e criação coletiva que os estudantes, inspirados pelas oficinas e pelas obras de Zélia Amador e bell hooks, assumem o palco do Colóquio Anárkhos, performando uma adaptação do *Mito de Ananse*.

Na encenação, Ananse vai ao encontro do deus do céu em busca do baú das histórias, sendo desafiado a capturar três elementos: o Tigre dos dentes terríveis, a fada que nenhum homem viu, e os marimbondos que picam como fogo. A performance simbolizou não apenas o poder da oralidade e da ancestralidade africana, mas também a resistência, a criatividade e a perseverança que atravessam a história do povo negro. Cada gesto, cada palavra, torna-se fio de teia que liga passado, presente e futuro, reafirmando a potência da arte e da literatura como ferramenta de resistência e educação antirracista. Os registros fotográficos captam não apenas os momentos formais, mas também encontros, afetos e descobertas. A seguir, algumas imagens da apresentação junto aos estudantes.

Imagem 5: Performance com estudantes das oficinas no VI Colóquio Anarkhos, 2024.



Fonte: Arquivos das oficinas Zélia e Eneida - Teias Amazônicas, 2024.

A presença dos estudantes foi significativa, pois ampliou os espaços de escuta e de diálogo, conectando a vivência escolar com o ambiente acadêmico e cultural. O colóquio permitiu com que os(as) estudantes se percebessem como sujeitos ativos nesse processo, reconhecendo que suas vozes também são parte de um movimento mais amplo de resistência e criação, além disso, o colóquio foi marcado pela força estética e cultural com apresentações artísticas, danças, performances, reflexões, discussões literárias que reafirmam o compromisso com a educação. “É como se fosse necessário captar os resquícios de memórias, o balanço que habita o corpo ou entranhas que permanecem ligadas aos ancestrais” (COUTINHO, 2025, p. 59). Assim como a resistência dos Quilombos, o coletivo de estudantes trilha novos caminhos na luta antirracista.

5. Teias Finais: perspectivas e ressonâncias

Durante o longo percurso de luta e resistência nos palcos-mundos de uma vida marcada pelo combate ao racismo, Zélia Amador e bell hooks questionam não somente sobre o lugar de subalternização que foi imposto ao povo negro, mas também o lugar social e de fala que desejam alcançar. Desse modo, as ativistas negras homenageadas encorajam a sociedade a não ser omissa, sempre defenderam a inclusão de corpos negros na universidade, objetivando que os espaços acadêmicos traduzam a verdadeira realidade social da Amazônia e do mundo no combate ao racismo, com o objetivo de transformar valores racistas, misóginos, sexistas e patriarcais que insistem em oprimir as negras e negros, os “herdeiros de Ananse”.

Em suma, a narrativa de vida de Zélia Amador e de bell hooks constitui uma performance política do corpo negro feminino inspirada em conexão com o mito africano da divindade “Ananse”, tecida por teias que continuam a se multiplicar e transformar as mais diversas formas de existência e resistência, numa ótica questionadora que se nega a se render ao apagamento. Trata-se de uma ótica que rompe os grilhões e cria linhas de fuga ao patriarcado, à opressão, ao racismo, às desigualdades sociais.

A pesquisa mostrou que o corpo negro, o cabelo e a arte-literatura podem se tornar territórios políticos de resistência, como visto nas oficinas e na performance do mito de Ananse no **VI Colóquio Anarkhos**. Isso evidencia que a educação antirracista não se limita à teoria, mas se fortalece na vivência e no diálogo coletivo. O legado de Zélia Amador e bell hooks inspira essas movimentações, unindo literatura, arte e ativismo em favor de uma escola e universidade mais justa e inclusiva. No entanto, estas e tantas outras escritoras negras precisam ser vistas e, para serem vistas, há a necessidade de criação de linhas de fuga traçadas por uma ótica literária que não exclui, que não se delimita ao cânone literário relegado a um grupo seletivo.

A leitura da trajetória e obra de Zélia Amador em diálogo com as reflexões de bell hooks, permitiu evidenciar que a literatura negra, quando inserida no espaço escolar, não apenas questiona estruturas coloniais, mas também abre possibilidades de recriação estética e política. Nesse entrelaçar, as contribuições de autoras do Baixo Tocantins, como Eunice Silva e Driellen Coutinho, reforçam que o debate não se restringe ao plano teórico, mas se concretiza em práticas educativas, artísticas e comunitárias situadas. Assim, o artigo buscou tecer uma cartografia rizomática e literária que, ao mesmo tempo em que reconhece a centralidade de Zélia Amador e bell hooks, também evidencia a potência de vozes locais que fazem emergir outras linhas de fuga, fortalecendo uma educação antirracista comprometida com a pluralidade de memórias e narrativas negras.

Durante as oficinas artísticas e literárias, construímos um espaço dialogado e coletivo, um espaço de experimentação, compartilhamentos, destinado ao acolhimento das experiências emaranhadas aos atravessamentos étnico-raciais que perpassam a vida e obra das autoras. Constatamos também que a juventude negra continua se deparando com o racismo social/estrutural de forma implacável, deixando a caminhada de jovens mais sofrida. E esta afirmação surge não só pelo que visualizamos nos jornais ou redes sociais, mas pelos relatos dos próprios estudantes durante os encontros.

Dessa forma, conclui-se que a performance política das escritoras, os estudos em arte-literatura negra, feminismo e feminismo negro, bem como as oficinas artística-literária mostraram que, embora o racismo estrutural persista, a literatura negra e o feminismo negro inspiram reflexões críticas criando espaços de resistências e desconstruindo mentalidades preconceituosas. Pelas teias de Ananse, as sementes e ervas de uma educação antirracista foram lançadas e, ao germinarem nos espaços coletivos, essas sementes não se encerraram em si mesmas, tornaram-se raízes que irão se entrelaçar em novas gerações, fortalecendo uma educação que se recusa a esquecer e insiste em (re) existir. O legado de Zélia Amador e bell hooks, somado às vozes que ecoam do Baixo Tocantins e de tantos outros territórios, anunciam que a teia da arte-literatura negra por uma educação antirracista não se rompe, apenas se expande.

REFERÊNCIAS

AMADOR DE DEUS, Zélia. *Ananse tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e herdeiros de Ananse*. Belém: SECULT/PA, 2019.

AMADOR DE DEUS, Zélia. *Documentário Amador, Zélia*. Direção: Glauco Melo. Produção: Floresta Urbana. Youtube, 2021. 22 minutos. Disponível em: <<https://youtu.be/wtRyx9mNPMQ?si=n-DDbeHtsFHTQu65K>>. Acesso em: 11. dez. 2024.

BRASIL. Lei no 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 10. dez. 2024.

COUTINHO, Driellen Barroso. *As artes de viver, cantar, narrar e dançar de mulheres negras da comunidade quilombola de Nova América, Oeiras do Pará: uma perspectiva interseccional em educação antirracista*. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins, Cametá. 2025. Disponível em: <<https://ppgeduc.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/638-dissertacoes-de-mestrado-em-educacao-e-cultura-turma-2020-linha-2>>. Acesso em: 10. set. 2025.

COSTA, Gilcilene Dias da. Cartografias literárias nas artes de escrever-pesquisar. In LEMOS, Flávia Cristina S. et al. (Org). *Encontros de Michel Foucault com Gilles Deleuze e Félix Guattari: governamentalidades, arqueogenealogias e cartografias*. Curitiba: CRV, 2022, p. 113-125. (Coleção Transversalidade e Criação – Ética, estética e política, v. 17).

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Tradução: Teci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 1.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* / tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018a.

HOOKS, Bell. *Meu crespo é de rainha*. Tradução: Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2018b. Disponível em: <www.colegioequipejf.com.br/site/uploads/arquivos_conteudo_aluno/4925/1605496441K-QwbfmyM.pdf>. Acesso em: 11. dez. 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Brasil, Editora Cobogó, 2020.

MONTEIRO, Ale. Uma vida dedicada ao combate do racismo na Amazônia: entrevista com Zélia Amador de Deus, por ocasião de seus 70 anos. *Novos Cadernos NAEA* • v. 23 n. 3•p. 265-281• set-dez 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/download/8001/6746>>. Acesso em; 09 de dez/ 2024.

NINJA, Casa Amazônia. *Zélia Amador: “sempre fui negra, em todos os espaços. Meu corpo fala, faz discurso”*. Portal Mídia Ninja. 09. agosto/2022. Disponível em: <<https://midianinja.org/zelia-amador-sem-pre-fui-negra-em-todos-os-espacos-meu-corpo-fala-faz-discursos/>>. Acesso em 15 de dez. 2024.

OLIVEIRA, A. Ivanilde de; BEZERRA, da Cruz, Tereza Cristina; NOGUEIRA, T. Thaís. bell hooks: memórias de uma educadora-aprendiz da liberdade. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v20, p. 001-018. ISSN ONLINE: 2238-1279. PPGE/UNESA. Rio de Janeiro, 2023.

OLIVEIRA, Thiago Ranieri Moreira; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-posições*, Campinas, SP, v. 23, n. 3, (69) p. 159–178, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642843>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita da subjetividade*. Campinas: editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *A escola de sua cidade aplica a Lei 10.639/03, uma consequência da luta negra?* Portal Geledés. 2020. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-relacoes-raciais-no-brasil-uma-breve-discussao/>>. Acesso em: 11 dez. 2024.

SILVA, Eunice Pereira da. *Interseccionalidade e resistência afro-feminina na obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus*. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins, Cametá. Disponível em: <<https://ppgeduc.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/638-dissertacoes-de-mestrado-em-educacao-e-cultura-turma-2020-linha-2>>. Acesso em: 02 set. 2025.

